

Produção de alimentos e qualidade de vida em comunidades quilombolas: um resgate cultural com construção coletiva.

Food production and quality of life in quilombola communities: a cultural rescue with collective construction.

KUHN, Mateus Schwanz¹; MAYER, Fábio André¹; BONOW, Roni Carlos¹;
POLLNOW, Germano Ehlert¹; NEUTZLING, Cristiane¹

¹Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia, mateuskuhn@yahoo.com; fanmayer@yahoo.com.br; ronibonow@gmail.com; germano.ep@outlook.com; cristianeneutzling@hotmail.com

Eixo temático: Agrosociobiodiversidade e bens comuns dos agricultores e povos e comunidades tradicionais

Resumo

Este relato apresenta a experiência de construção coletiva em quatro comunidades quilombolas no extremo sul do Rio Grande do Sul, executada pelo Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia. Descreve o desenvolvimento de um projeto voltado para o protagonismo da mulher, que visa qualificar a água, as hortas e quintais orgânicos na busca da soberania alimentar, incentivando a sustentabilidade e a autonomia das comunidades quilombolas. As atividades possibilitaram a valorização da mulher na produção de alimentos, proporcionando maior diversificação de frutas e hortaliças, promovendo a segurança alimentar e a saúde da família, bem como a geração de renda através da inclusão de famílias no Programa de aquisição de alimentos. A utilização de metodologias coletivas possibilitou o resgate cultural por meio de mutirões, incentivando a importância de práticas ecológicas. Além disso, trouxe a possibilidade de uso de uma tecnologia de baixo custo, o método de proteção de fonte caxambu, que garantiu água de qualidade nas comunidades quilombolas.

Palavras-Chave: agroecologia; segurança alimentar; autonomia.

Keywords: agroecology; food security; autonomy.

Contexto

O Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) foi criado em 1978, como um serviço da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) para auxiliar agricultoras e agricultores familiares na permanência no campo, com qualidade de vida, autonomia, protagonismo e justiça social. O trabalho se dá através da assessoria técnica na produção de alimentos, do resgate histórico-cultural, da inserção de agricultoras e agricultores nas discussões de políticas públicas, buscando por meio da agroecologia, assegurar vida digna para as famílias agricultoras, oferecendo alimentos mais saudáveis para os consumidores rurais e urbanos (CAPA, 2021a).

O CAPA possui cinco núcleos: Pelotas, Santa Cruz do Sul e Erechim, no Rio Grande do Sul, e Verê e Marechal Cândido Rondon, no Paraná (CAPA, 2021b). O CAPA Núcleo Pelotas, proponente deste relato técnico, atua no território zona sul do RS e tem uma histórica caminhada de motivação, apoio e assessoria às organizações da agricultura familiar. Possui reconhecimento e credibilidade como entidade de

referência em agroecologia, organização social e desenvolvimento rural sustentável (CAPA, 2021a).

Há vários anos o CAPA tem construído junto com as comunidades quilombolas o acesso a políticas públicas, bem como promovido a assessoria técnica e a inclusão social das famílias. Atualmente o núcleo Pelotas assessora 14 comunidades, sendo que em quatro delas está sendo executado em parceria com a ASSAF - Associação dos Agricultores Familiares da Região Sul, o projeto Morando Bem no Quilombo, que resulta em uma ação sucessora ao Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), que foi acessado pelas comunidades entre os anos de 2011 e 2018. Diante da finalização das moradias, percebeu-se a necessidade de promover ações para a inclusão produtiva das famílias que se encontravam em vulnerabilidade alimentar e econômica, criando um modelo sustentável de manejo e uso das águas e do solo pelas comunidades quilombolas.

A iniciativa é executada em parceria com a Caixa Econômica Federal e possibilita introduzir tecnologias socioambientais e de segurança alimentar de baixo custo e fácil execução, incidindo na inclusão e no fortalecimento do trabalho da mulher quilombola, que exerce papel fundamental na produção de alimentos para a família. Para compor o projeto foram mobilizadas 103 beneficiárias e suas famílias, na qual recebem assistência técnica mensal, acesso a formações relacionadas à agroecologia, saúde, alimentação saudável e ainda viabilizam materiais e insumos para desenvolvimento dos temas. Assim o objetivo do trabalho foi promover o resgate cultural e a autonomia da mulher quilombola, trazendo diversidade alimentar e geração de renda às famílias por meio de práticas sustentáveis de acordo com os princípios da agroecologia.

Descrição da Experiência

A dinâmica de planejamento, execução e monitoramento da proposta se deu a partir da construção coletiva entre a equipe técnica do CAPA e as comunidades quilombolas. As ações tiveram seu início, após a assinatura do contrato, em junho de 2018, com um período de execução de 14 meses, encerrando as atividades do projeto em agosto de 2019.

Em um primeiro momento, juntamente com as lideranças quilombolas e técnicos, foram realizadas visitas de mobilização junto às famílias beneficiárias com a finalidade de conhecer melhor a realidade de cada família, bem como apresentar a ideia inicial para construção coletiva do projeto. Após a definição das famílias beneficiárias, foram realizadas rodas de conversa com o intuito de reconhecer as potencialidades e necessidades de cada comunidade. Nesse momento ficou definido que em cada unidade produtiva seria implantada uma horta e um quintal orgânico para garantia da soberania alimentar e incentivo à produção e comercialização de alimentos saudáveis. E ainda, por decisão de cada comunidade foram identificados locais que possuíam necessidade de melhorar a qualidade da água na unidade produtiva, sendo instalado uma proteção de nascente e um sistema agroflorestal (SAF) em cada comunidade, com a função de qualificação da água, resolução de passivos ambientais e unidade referência. Para composição das hortas, quintais e

SAF's foi realizado uma leitura de paisagem em um diálogo para definição das espécies que seriam distribuídas. Como forma de capacitações técnicas foram realizadas oficinas sobre hortas agroecológicas, alternativas de manejo agroecológico, implantação de quintais e SAF's, saúde e alimentação, sempre buscando atrelar o conhecimento técnico ao saber popular local.

Para execução da parte prática do projeto, foram implantados quintais orgânicos em cada unidade produtiva, levando em consideração os princípios populares e os adquiridos nas oficinas de capacitação. Foram organizados mutirões para implantação dos SAF's, limpeza e proteção das fontes, prática essa que visa o resgate cultural. O modelo de proteção de fonte adotado foi o Caxambu, que possui baixo custo, facilidade de instalação, manutenção e replicabilidade (ALMEIDA, 2014; EPAGRI, 2015; 2021). Outro enfoque de grande importância foi a distribuição das sementes agroecológicas de hortaliças para cada beneficiária. Sendo que a partir desse momento passou a ser realizado acompanhamento técnico mensal das unidades produtivas, buscando auxiliar na qualificação dos quintais e hortas agroecológicas.

Resultados

O projeto Morando Bem no Quilombo, beneficia diretamente 103 famílias de quatro Comunidades Quilombolas: Tio Dô (Santana da Boa Vista), Cerro das Velhas (Canguçu), Monjolo (São Lourenço do Sul) e Algodão (Pelotas). Indiretamente, o público beneficiário é composto por mais de 500 Quilombolas de outras comunidades da região sul do RS.

Durante a execução do projeto as famílias receberam visitas técnicas mensais nas unidades produtivas, com enfoque nas hortas e quintais agroecológicos. As hortas em sua maioria ganharam ainda mais diversidade, e foram qualificadas com a aplicação de composto orgânico, já que muitas comunidades possuem solo raso e com baixa fertilidade. Outro ponto observado é a maior valorização das sementes, onde se priorizou o uso de sementes agroecológicas incentivando a sua manutenção e preservação, gerando um resgate da culturalidade das guardiãs e guardiões de sementes.

A construção das hortas foi de grande importância para a garantia de alimentos nas unidades produtivas, promovendo a segurança alimentar das famílias. Por sua vez, algumas famílias atingiram destaque de produção, inserindo-se no circuito de comercialização de hortaliças, tornando-se essa atividade uma nova alternativa de renda. Uma das possibilidades de comercialização é através do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos). O programa visa a compra direta de alimentos produzidos pela agricultura familiar, havendo a existência de um PAA que visa o beneficiamento a famílias de baixa renda, mulheres e quilombolas do município de Pelotas/RS. A compra de alimentos dessas famílias é destinada a pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional e àquelas atendidas pela rede socioassistencial.

A compra da produção local garante a qualidade e diversidade na alimentação de pessoas em situação de vulnerabilidade social e noutra via propicia novas oportunidades às agricultoras e agricultores familiares quilombolas, uma relação ganha-ganha que garante a segurança alimentar de quem consome e gera renda para quem produz.

Atualmente três famílias da comunidade Algodão, em Pelotas, se organizaram e entregam um volume semanal de hortaliças ao PAA (Figura 1), na qual fortalece os agricultores e empodera as mulheres da comunidade, que de um modo geral estão à frente no cuidado das hortas. As hortas fortalecem a alimentação das famílias e dos vizinhos e o ingresso no PAA reduz o problema das perdas, pois as famílias sabem quando e qual volume de produtos precisam entregar, e o valor estimulado pela venda. Além disso, como resultado indireto desse projeto, desde maio de 2021 vem sendo realizada a Feira Akotirene, uma feira quilombola com produtos agroecológicos realizada semanalmente na cidade de Pelotas.



Figura 1. Entrega de hortaliças da comunidade quilombola Algodão, Pelotas, RS, ao PAA.

O processo de produção das hortaliças é orgânico, nesse sentido, invés de usar adubos químicos, utilizam húmus, esterco e folhas decompostas para deixar a terra mais fértil. Como forma de controle de insetos utilizam receitas caseiras que atuam como repelentes, elaboradas por eles. Os principais produtos comercializados são: salsa, cebolinha, chuchu, couve, alface, beterraba, cenoura, pepino, abóbora e batata doce.

O projeto buscou construir junto com as comunidades, práticas relacionadas à cultura quilombola como os mutirões, onde, em um passado recente, famílias se reuniam para o auxílio comum em tarefas que exigiam maior trabalho, facilitando o processo. Outro relato trazido pelas famílias beneficiárias é a relação com as árvores nativas, as quais as espécies escolhidas pelo projeto vão ao encontro às

memórias da comunidade. Além disso, a produção agroecológica é uma prática que acompanha a essência das famílias quilombolas.

Os quintais agroecológicos trouxeram além da soberania alimentar, diversificação para a unidade produtiva, bem como promoveram a busca dos saberes populares através do cultivo de algumas espécies sugeridas pelas beneficiárias, como por exemplo a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). Espécie esta que era cultivada e beneficiada por seus antepassados, mas que diante da modernização do processo produtivo se perdeu ao longo dos anos. Ainda, promoveram a inserção de um novo processo de aprendizagem, os SAF's, que será sustentável gerando a ciclagem de nutrientes através da incorporação de matéria orgânica.

Outro resgate cultural foi o incentivo ao trabalho em grupo através dos mutirões, o que possibilitou a qualificação e proteção de seis fontes no modelo Caxambú, qualificando fontes que estavam desprotegidas, resolvendo alguns passivos ambientais, demonstrando a importância da preservação da vegetação no entorno das nascentes. Fato esse que auxilia na melhoria da qualidade da água e no aumento da disponibilidade nas épocas de maior restrição hídrica. O processo de construção do Caxambú trouxe resultados positivos, trazendo apropriação de uma nova tecnologia para a comunidade. Essa técnica apresenta facilidade e baixo custo de instalação, sendo que na maioria dos casos a água está sendo usada não somente pelas famílias beneficiárias, mas também por famílias vizinhas e na irrigação das hortas e quintais. Diante da boa aceitação do método pela comunidade foi percebido vários casos de replicabilidade a partir das unidades de referência.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. G. **Proteção de nascentes a partir do modelo Caxambu: Uma alternativa para as propriedades rurais do município de Caçador - SC.** 2014. 34 p. (Monografia do Curso de Especialização em Gestão Ambiental em Municípios. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014)

CAPA. Histórico Pelotas. 2021a. Disponível em: <https://capa.org.br/historico-pelotas/>. Acesso em outubro de 2021.

CAPA. História. 2021b. Disponível em: <https://capa.org.br/historia/>. Acesso em outubro de 2021.

EPAGRI. Jovens rurais e Epagri protegem nascente na Serra Catarinense, 2021. Disponível em: <https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/2021/07/14/jovens-rurais-e-epagri-protegem-nascente-na-serra-catarinense/>. Acesso em novembro de 2021.

EPAGRI. Epagri Vídeos: Fonte modelo Caxambu, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w2oe6LGUD58>. Acesso em novembro de 2021.